



O Gaiato


**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 16 de Agosto de 1986 * Ano XLIII — N.º 1107 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● Chegaram, hoje, três cartas (tão lindas!) que não resisto.

Uma:

«Segue cheque de dez mil. Uma mulherzinha, bondosa é pobre, que andava à chuva e ao sol a vender ovos, deixou-me. Dinheiro ganho com tanto sacrifício só pode ser gasto em Obras de amor.»

Digam-me se não é bonito! Ficamos confundidos e pequenos em frente de tamanho amor!

Como esta carta nos interpela ao apanhar-nos de improviso, quase só preocupados com os nossos filhos, a nossa casa, relações sociais, o jardim e o cão... Tantas vezes sem o mínimo espaço para o Senhor e os Outros.

Outra:

«Pai Américo... protege e ampara os teus filhos... Não a tanta miséria, tanta inconsciência e tanto egoísmo. Mais amor a Deus e ao Próximo.»

Que belo programa para o seu centenário! Primeiro, o amparo dos filhos pelo milagre das vocações; logo, o não à miséria, à inconsciência e ao nosso egoísmo; e, no fim, o Mandamento maior — onde se encerra toda a Lei e os profetas.

A terceira carta é de um sacerdote do Porto:

«Aqui vai este papelinho (cheque com muito mais que o seu supérfluo), distribuí-lo-a conforme entender. Posso dizer-lhe, que isto faz parte da comemoração na intimidade das minhas bodas de prata.»

Ora aqui está um sacerdote profeta! E não parece quando o vemos, robusto, na sua farda militar. Vem várias vezes ao ano! Dá todo o seu vencimento aos Pobres! Aqui deixo esta Luz para que nos guie na noite — se ainda estamos presos aos bens deste mundo.

● Falámos do Centenário de Pai Américo. Estamos empenhados em dar-lhe um sen-

tido profundo e interpelador — verdadeira chamada aos problemas dos mais abandonados. Não é nada fácil. As palavras do Senhor são duras!

Há dias, um senhor deputado afirmou, e bem, na A. R.: «Não é fácil falar do Padre Américo porque é também incómodo.»

Fez-me lembrar o desabafo dum dignatário quando um dos nossos padres se apresentou numa igreja para fazer um peditário: «Lá vamos nós grammar mais uma história de piolhos!» O nosso padre soube e começou mesmo com uma história dos ditos na cabeça dumas crianças a viverem numa barraica imunda.

Desejamos, pois, e ardentemente, que as celebrações não sejam fogos fátuos ou barulhos de festa; mas, isso sim, a Luz no monte para nos acordar e interpelar.

Que magoe o nosso comodismo.

Que nos conduza aos mais pobres.

Que nos faça parar, tomar o irmão em nossos braços, curar-lhe as feridas, levá-lo à estalagem e pagar a despesa.

«Um dia — conta Pai Américo — vi-me nas ruas da Baixa, aflito, com um recém-nascido nas mãos. Logo acode uma viúva com sete filhos, um de peito, que perdera ontem o marido.

— Ó mulher, você não pode!
— Posso que tenho dois peitos!»

Dois peitos! Também nós, se tivermos amor.

Senhor deputado, gratos pela sua intervenção, diga aos outros senhores deputados que não deixem morrer o Bêbé «Barredo»: a reconstrução da zona ribeirinha do Porto, «Terra de Mártires, de Heróis, de Santos» — como disse Pai Américo.

Há outros Bêbés: Zona da Vitória, Rua Francisco da Rocha Soares, Miragaia... — no Porto. E em Lisboa? Meu Deus!

Não esperemos o milagre da viúva...!

Padre Telmo

AQUI, LISBOA!

«Certa classe de gente não tem educação, não a dá aos filhos, nem consente que lha dêem. Estes filhos são amanhã inimigos dos pais, da ordem, das leis, da autoridade, dos homens, de Deus.» (Pai Américo)

A criminalidade juvenil duplicou em Portugal nos últimos dez anos. As cadeias estão a abarrotar e pelo que se vislumbra não aparecem sinais de inversão no tecido social, antes pelo contrário.

Em 1975 tinham sido condenados por processos crime 2.814 pessoas com idades entre os 20 e os 29 anos. Daí, até 1984, estes números foram aumentando progressivamente, atingindo então 6.094 casos. Foi precisamente neste grupo etário que se verificou o maior índice de condenações, com 63% de situações de «roubo e violência depois de apropriação». Os jovens com idade inferior a 20 anos aparecem em segundo lugar nas condenações

por «roubo e violência», com 19% de sujeitos a penas. Por outro lado, «violação» e «atentados ao pudor» são outros crimes levados a cabo por jovens que mais se evidenciam nas estatísticas oficiais, no primeiro caso realizados por 48,9% de indivíduos entre os 20 e os 29 anos e 20% por jovens com idade inferior a 20 anos. Assinale-se a existência de um número reduzido de mulheres acusadas e condenadas por qualquer crime, pois, no ano em causa, 1984, só se registaram 14% de arguidas por processos crime, com 13% de condenações respeitantes a pessoas do sexo feminino.

Sobretudo nos grandes centros, a começar naturalmente por Lisboa, se constata uma onda de criminalidade assustadora. Não é preciso ler os jornais, aliás com uma reduzida narração dos acontecimentos. Basta andar pela rua, mesmo

Cont. na 3.ª pág.



Não deixem morrer o Bêbé «Barredo»: a reconstrução da zona ribeirinha do Porto!

Tribuna de Coimbra

■ Eu hei-de pedir a Deus que me dê muita paciência para acolher bem estes pequeninos.

Hoje passei parte do dia na praia. Os problemas familiares que possam surgir estão lá longe. Sinto-me mais livre. Com tempo.

Estava, de manhã, na areia, encostado ao pau da barraca, a fazer uns momentos de oração, quando se aproxima um dos mais pequeninos com os calções na mão: — **Só pade, quello fazê chichi.** Apontei-lhe a areia e disse que fizesse uma covinha. Fez tudo bem feito e continuou na sua brincadeira.

Fiquei a olhar para ele e para os dois irmãozitos. Têm 8, 6 e 4 anos. A mãe tem os dois mais pequeninos. O pai tem

Cont. na 2.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

DESPORTO — Disputámos, no dia 20, três encontros de futebol. Dois deles com o grupo Desportivo de Gatões.

O primeiro jogo disputou-se de manhã e perdemos por 2-1. Os nossos jogadores não eram os da equipa A. De tarde houve outro encontro entre as duas equipas, mas na categoria de juvenis. Perdemos por 3-0.

No dia 27 defrontámos a equipa da Casa do Povo de Bitarães a contar para o Torneio em que estamos a participar. Um encontro decisivo, pois se ganhássemos iríamos à final do torneio.

O jogo, bem disputado a meio campo, e a nossa força física, técnica e tática superaram todos os obstáculos que a equipa adversária nos colocou. Defendendo e partindo para o contra-ataque quase que nos surpreendiam!

No final, ganhámos por 4-1.

NETOS DA OBRA DA RUA — Estão cá três a passar férias connosco: o Miguel, o Bento e o Justino.

Já fizeram alguns amigos com quem passam o tempo.

VISITAS — A nossa Casa fica repleta de visitantes no fim-de-semana!

Agora, que muitos estão de férias, aproveitam para vir passar o domingo connosco e destacar os emigrantes que chegam todos os dias.

PRAIAS — O segundo turno já está a gozar merecidas férias. São os «Batatinhas» e os da casa «4 de baixo».

Os rapazes do primeiro turno vieram contentes, morenos. Depois do merecido descanso estão prontos para trabalhar e estudar durante mais um ano.

Ludgero Paulo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Lembrem-se de termos referido a necessidade duma cadeirinha de rodas para outro doente, inválido? Mais: A intenção de procurarmos uma no *ferro velho* — em última instância?

Eis a resposta:

No grande Porto, um vicentino da nossa equipa — motivado para a solução do problema — nota que certa família iria botar para o contentor do lixo exactamente o carrito que procurávamos! Foi uma hora de Deus. Foi Deus que Se dispôs, naquele dia, àquela hora, fazer daquele vicentino um instrumento para aliviar as carências do inválido.

— Vai deitar isto fora!?... Não faça isso, meu bom amigo! Preciso do carrito para uma pessoa com muita necessidade...

Contou a história. Todinha.

Estamos a ver o ar de surpresa da

pessoa *chumbada* com a oportuna intervenção. Particularmente como *feriu* a alma, já *tocada* pela *sociedade de consumo* que tudo lança para o lixo — coisas, objectos bem úteis! — e que fariam, como fazem, tanto jeito aos Pobres.

O amigo do nosso amigo ficou surpreso. Caiu das nuvens! Mais ainda pelo que ouviu da boca do servo dos Pobres: do que iria fazer (e está fazendo) daí para a frente, por suas próprias mãos. Ele é canalizador numa das maiores empresas do País. Tem jeito para biscates. Só precisa de comprar (já comprou) uma ou outra peça de valia, seja para comodidade do utente, seja para maior resistência do veículo. Um carrito *novo*, adaptado às circunstâncias!

Todos juntos, à hora costumada — em que nos reunimos para tratar das carências dos Pobres com os olhos no Céu — demos graças a Deus pelo achado. Foi uma oração mais quente. E uma prova, simples, de como a caridade é inventiva e pode despertar nos Outros o sentido de serviço; até mesmo naquilo que o mundo horta fora, sem ver de antemão a utilidade que teria para tantos, tantos Pobres!

PARTILHA — Os habituais dez rands da assinante 18998, de Durban (África do Sul), em «*vésperas do aniversário da partida para o Céu, de Pai Américo*». Como ele fica feliz por se lembrar dos Pobres da terra onde nasceu! Assinante 10159, 500\$00 entregues, aqui, a nosso lado. Assinante 20174, de Coimbra, um cheque bem nutrido «*para aplicarem conforme entenderem*». A caridade, bem entendida, é assim mesmo!

Agora, temos a assinante 31104, de Lisboa: uma importância de vulto «*para qualquer aflição que com este pouco (é tanto!...) possa ser atenuada ou resolvida e não haja deserto ressequido sem brisa e águas consoladoras*». Um cântico divinino!

Mais 500\$00 da assinante 8994, da Capital, sempre atenta aos problemas dos nossos Pobres. Mais um remanescente do assinante 18786, do Porto, «*para as necessidades mais urgentes da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa*». E mais nada!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

BATATA — Terminou a colheita da batata; e, como se esperava, a fatura não foi abundante se atendemos à nossa comunidade. São muitas horas a comer ao longo do ano...

Três dias de verdadeira azáfama, das 6h da manhã ao pôr-do-sol.

Um trabalho que, além da sua dureza devido ao intenso calor que se tem feito sentir, não tirou a alegria e o entusiasmo aos nossos rapazes.

Conseguimos extrair da terra 1.104 arrobas.

Os mais velhinhos agarraram nas enxadas, enquanto que o grupo dos mais novos tratava de apanhar, esco-

lhendo e separando a batata boa da miúda e da cortada. O Tonito não parava com o tractor: da terra para os estrados. E vamos tentar conservá-las ao longo do ano para que não se estraguem.

FRUTOS — Por outro lado, começámos já a saborear o feijão verde que tão bem nos sabe, enquanto assistimos ao lento desenvolver dos outros frutos, pois a seca já se faz sentir, embora estejamos bem servidos de água: possuímos poços em quase todas as terras, alguns dos quais ainda não lhes vimos o fundo.

Já apanhámos alguma fruta, mais madura, principalmente/ ameixas. Regra geral temos tido muita e é servida à sobremesa.

Precisamos de aproveitar estes dons atendendo aos tempos que decorrem...

João Paulo

Praia de Mira

É bom ter férias!

Os «Batatinhas», mais miudinhos, são os que mais tempo beneficiam; mas, este ano, o «Kikas» fez a 4.ª classe e gozou 28 dias sem ninguém perceber.

São eles os que mais gostam de chapinhar na água! Os grandes travam uma batalha entre o mar e a barrinha: — Hoje vamos à barrinha? Por

Amor imenso

Preciso de ti
Como um doente
Necessita urgentemente
Da saúde.
Preciso de ti
Para desalentos esquecer
E recomeçar a viver
Mais amilde.
Preciso de ti
Para ultrapassar o fracasso
E construir o ideal sonhado
Com paz, igualdade e flores.
Preciso de ti
Como um desamor arrependido
Pelo mal cometido
Ansiando a manhã
Alegre e sã
Com vivas cores.
Preciso de ti
Como os namorados
De braço-dado
Gostam de passear
No jardim.
Preciso de ti
Como um rio
Que tem entre as margens
E o leito
Uma ponte
Para dar passagem.
Preciso de ti
Como uma criatura
Que deseja a justiça
Excelente e justa.
Preciso de ti
Tal como um pássaro
Não prescindindo do espaço
Para voar livremente.

Manuel Amândio

parte do chefe a resposta é vazia. Quando se diz que vamos tal dia à barrinha, é um delírio com saltos e berros!

Por outro lado o barco que veio pela Casa do Gaiato do Tojal, oferta de um Amigo de Cascais, tem dado alegria na barrinha. Pôs-se-lhe o nome d'«O GAIATO».

— Eh pá! Eu vou remar!

— Não, já foste. Agora, é fulano mais cicrano.

E lá vai «O Gaiato» às voltinhas com um grupo que tem tempo, para outros seguirem.

O povo do lugar, pelo menos os pescadores com a sua maneira de viver, dão à praia um ambiente mais rico.

Todos os que por cá passam não deixam de apreciar a faina com que os barcos vão e vêm; para cima e, para baixo, os bois puxam as redes; curvados e de braços bem abertos,

debruçados, os pescadores organizam tudo.

— Eh! Olha a rede!

— Eh boi!...

A rede sai, os olhos abrem-se o possível e com maior nitidez para a bolsa que vem no fim. A pressa e os movimentos rápidos. Os bois fazem corridas. Soltam-se gritos de trabalho entre o aperto dos mirones. Os cabazes são enchidos. Outro peixe é escolhido para o leilão: 150; 150; 200; 250; 270; 300 e sucessivamente...

Pela manhã os foguetes anunciam mais um dia de faina. Uns dias pescam mais, outros menos.

Assim, quando é propício, o peixe também vem ter a nossa Casa. Que bom!

Damos graças a Deus pelas Suas maravilhas.

Boas férias e bom proveito.

Guido

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

outra mulher e outros filhos. O mais velho disse-me que o pai tem uma mulher, mas que ela não é a mãe. Tão triste que ele falou! Ela não é a mãe e a Mãe não é capaz.

Hei-de pedir a Deus que me dê paciência para ser o pai que lhes falta.

■ A noite um grupo dos mais pequeninos esteve no lugar onde costumo dormir. Viram o colchão com o cobertor e os lençóis. Um deles perguntou-me: — Tu também fazes *chichi nos lençóis*? Sorri e disse-lhe que só os meninos sujos e feios é que fazem *chichi* na cama. À despedida um deles atirou-me um beijo com a mão-zita.

Esta pergunta inocente tem muita razão de ser. Momentos antes, à mesa do jantar, o chefe tinha feito queixa do grande número de colchões e roupa de cama que todos os dias é necessário limpar.

Ainda há pouco tempo, numa reunião de chefes, contámos que o número de «mijados» anda pelos trinta. É um dos nossos flagelos, sobretudo no Inverno. De todos os que chegam de novo poucos trazem hábitos de higiene. Tem razão de ser a pergunta que o pequenino fez.

Custam tanto a libertar-se deste mal!... E de outros males!

■ O Sérgio já por duas vezes me veio dizer: — Quero ir embora para nossa casa. Eu sorri e ele também sorriu. Que olhos tão lindos ele tem! Ele e os mais pequeninos já

estão há um mês à beira-mar. Têm saudades da *nossa casa*. Aqui têm a água e a areia para brincar. Mas em *nossa casa* têm o seu mundo: Os campos, As sombras. A piscina. O tanque dos peixes. As rolas. Os canários. Os periquitos. Uma gaiola com outros passarinhos. As árvores de fruto. Os pintainhos. As vacas leiteiras. As galinhas a pôr ovos. Os cães. Os recreios. O parque infantil.

Têm o seu lugar de higiene, a sua salinha. Têm o seu mundo preparado para os acolher. Não admira que tenham saudades do seu mundo pequenino. Pequeno mundo que os compense do mundo de ternura que deve ser a família.

■ É sempre um quadro maravilhoso de ternura os maiores pegarem nos mais pequenos ao colo ou às cavaleiras. Estou a ver o Serafim com o Hugo, às cavaleiras, a subir a duna de areia. Que lindo!

O Serafim veio do Instituto Maternal quando era pequenito. Hoje já é grande. O Hugo veio há dias. É o mais pequenino. Nasceu com os pés muito aleijadinhos e a medicina já os compôs. Só os ossos estão mirrados. O Hugo é muito vivo e alegre. Gosta de todos e brinca com todos. Mais um órfão com os pais vivos. Veio cansadinho de andar na prostituição nocturna. Gosta muito de receber carinhos e dar um beijinho. Sabe-nos tão bem um beijinho do Hugo!

É tão consolador vermos os maiores pegar e ajudar os mais pequenos! Havíamos de ser todos assim!...

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

Dar a mão a alguém é um gesto amigo. E quando este acto é iluminado pela Fé temos um gesto de irmão. Esta verdade está posta no meio de nós. É conhecida. É muito falada. Os que a vivem são legião; mas não chegam porque outros tantos... têm ouvidos mas não ouvem e não a querem porque têm medo.

Trata-se da verdade que salva — dar a mão, ajudar. E se este dar for o dom da própria vida... que dizer!? Temos o mundo salvo! Temos o mundo salvo! O mundo das crianças sem pai nem mãe; o mundo dos adolescentes e jovens; o mundo dos trabalhadores; o mundo dos que têm riquezas. Experimentai! Abri os olhos e vede!

A presença do sacerdote que quis comemorar as bodas de prata com 300.000\$00 postos em nossas mãos. Que lhe restará? Por certo, a vontade de não possuir nada para poder dar tudo. Mais 10.000\$00 — «que esta migalha possa aliviar o peso do enorme fardo que pesa sobre os vossos ombros». Carregar o fardo uns dos outros é verdade eterna, contida nos Livros Santos. Para os pequeninos — 1.000\$00. Dez vezes mais, da assinante 17.624. Outro tanto, da R. Miguel Lupi, 5.000\$00, de Fiães; vinte mil, de Tomar.

Lembrando a data da entrada de Pai Américo na glória eterna — 30.000\$00, de um anónimo. Do pároco de Lordeio, Vila Real, 12.000\$00. Migalhas de 4 mil, 3 mil, 100\$, 5.000\$00, 3.500\$00 para assinaturas d'O GALATO e «o restante para o que for mais necessário».

A expressão «migalhas» tem um sabor evangélico. Quem dá assim não se envaldece. São migalhas. Quem recebe fica feliz porque as migalhas enchem a mesa e matam a fome e cobrem o corpo e curam a doença. Quantas «migalhas» são esbanjadas que podiam fazer a «abundância» de muitos lares!? Olhai, uma migalha de 300.000\$00 chegada ontem, bem juntinha a outra de 100.000\$00. Mais outra do assinante 7476 e muitas mais, de Famalicão, Póvoa de Lanhoso, Vilarelho da Raia, Lourosa, Santarém e Santo Tirso.

Sufragando as almas dos seus defuntos, 20.000\$00 de Fátima, 250\$00 de um amigo, 30.000\$00 — «pequena importância para a vossa Obra».

Os que sabem que o que têm pode levar um fiozinho de alegria e paz à mãe de família aflita com o marido desempregado; à viúva com a riqueza dos sete filhos que lhe tocou por herança; à que deixou de pagar a renda de casa por não ter com que e, agora, tem que pagar os juros ou vai para a rua; sim, os que sabem que podem levar a alegria e a paz repartem com simplicidade e

enviam: 5.000\$00 «com um abraço cheio de amizade para todos os gaiatos»; mais 5.000\$; mais 1.200 libras, de Londres; outros 5.000\$00, de Leiria, lembrando dois filhos; 7.000\$00, dos alunos da Escola Preparatória da Vila das Aves; 2.000\$, do José Carlos e esposa, de Braga, em vésperas do seu casamento; 15.454\$00, de S. João da Madeira; Lourosa volta com 10.000\$00; para o **Cantinho dos Rapazes**, 5.000\$00; o dobro, de Gaia. Esta mãe quer partilhar connosco a doença de seu filho e dá-nos 1.500\$00. Da R. Gonçalves Crespo, 6.500\$00. Do Pároco de Souto e Mosteiró, um cheque de 19.000\$00 para pagamento de assinaturas d'O GALATO, 7.000\$00 de Lúcia. Os 300\$00 habituais de três amiguinhas.

Nesta coluna há a presença de vários sacerdotes. Mais uma presença tão rica não só pelo que significa de material (50.600\$00) mas também pelas

palavras que acompanham a sua carta: «... é com muito amor e alegria no Senhor Jesus que envio o primeiro dinheiro, de alguns meses, que recebo de uma reforma. Tenho a colecção d'O GALATO, e muitas vezes tenho feito a meditação por ele». Sufragando almas de família — 2.400\$00. De velho amigo, cheque de 86.467\$00, a propósito do **Cantinho dos Rapazes**.

Vemos, agora, passar uma multidão dos que se consideram pequeninos; que fizeram as suas economias e tiraram ao monte para dar: 1.000\$00; 5.000\$00; 10.000\$00; 5.000\$00. Todos aproveitaram para pôr a assinatura d'O GALATO, em dia; e o resto é «para o que mais precisarem».

Perguntam-nos se temos recebido muito de gente de fortuna. Não sabemos. É verdade que a mensagem d'O GALATO não exclui ninguém. É para todos. Mais saboreada pelos

pobres e pelos de coração pobre. Para todos só há um caminho — o das Bemaventuranças. É único. Por ele, de mãos dadas, quer O GALATO ajudar a caminhar. É pena que os que dormem em colchões fofos tenham que ser acordados pelo clamor dos que não podem dormir, porque abandonados. Nem vale a desculpa de que não sabem onde estão.

As visitadoras dos Pobres, de Coimbra, vieram e deixaram 3.500\$00. Da assinante 21.292 — 10.000\$. De Sendim, 20.000\$00. De Chaves, 12.000\$. Outra vez Gaia, com 5.000\$00 para o **Cantinho dos Rapazes**. Outro tanto e mais e mais de um médico.

Não há dúvida, O GALATO e o livro **Cantinho dos Rapazes** têm sido ocasião para tantas e tantas presenças! Da Escola Primária de Esposade, 4.300\$00 e nova assinatura, 500\$00, de Rio Tinto. Dez vezes mais, de Leiria, e «é muito pouco para uma Obra tão grande, mas é do coração e com Amor!» Da assinante 24372, cinco notas de mil; e oito, da Luisa, com esta dedicatória: «Com muito carinho e gratidão pela vossa amizade aqui remeto a migalhita deste mês». Outra assinante e mais

outra com 5.150\$, mais 6.000\$. Atenção!: «Tenho 7 filhos e já 7 netos e penso em tantas crianças que não têm as mesmas oportunidades que os meus têm; para esses vão estas pequenas migalhas que consigo juntar e espero poder mandar muito mais». Obrigado, mãe e avó Isabel, por nós e por todos os leitores. Fazem falta estes pobres de coração! Eles são luz! Por aqui o Caminho. Quem leva esta mensagem aos que a não lêem — mas têm muitos bens!? Quem os ajuda!? Quem!?

De um senhor engenheiro, 10.000\$ e o livro **Cantinho**... Outra vez a Luisa. Do Porto, 10.000\$00 para pagar as contas do jornal e do livro. Dos lados de Viana do Castelo, uma carta bordada a cor negra e 10.000\$00: «pequena migalha para o livro e sufrágio da alma de meu saudoso marido». De pais que celebram o 12.º aniversário de sua filha, 12.000\$.

Como vemos, a alegria e a dor, de mãos dadas, encontram-se na dádiva aos pequeninos e tornam-se fonte de Esperança.

De Alfena; 6.500\$00. F. Miranda, recebemos os 15.000\$00. Pequena lembrança de 3.000\$, da Urgeirica, 10.000\$, da Praia do Ribatejo. É de viúva amiga que, deste modo, lembra o seu marido.

Estamos bem apoiados, sim, no Santíssimo Nome de Jesus. Foi assim que Pai Américo quis. Mas a Obra da Rua vive da oração de muitos amigos e amigas: «Cá fico pedindo ao bom Deus o milagre permanente que vai fazendo nessa maravilhosa Obra do grande Padre Américo que lá do Céu não deixa de olhar por ela». Escrevemos as palavras como nos chegam. Por nós tínhamos medo de falar assim já que em tamanha altura nos põem. Deus sabe.

Quem é capaz de segurar aquela Amiga de há muitos anos, de Ovar! É uma verdadeira paixão, que a devora. Envia 74.560\$00 de assinaturas d'O GALATO que vai recolhendo. De Pombal, presença muito amiga do corpo docente — 440 alunos — e corpo docente, 19 professores e mais pessoas da Escola Primária n.º 1 «junto dos seus pequenos irmãos da grande Obra do nosso querido Pai Américo». Da assinante 26151, 5.000\$00. Mais 5.000\$, do Porto. De um médico, desta cidade, 20.000\$00. Amiga, do mercado do Bolhão, vem com 500\$00. Mais 11.500\$00 «e não mencione, por favor, a minha pequena dádiva; vaidosa já eu sou, infelizmente». Não dizemos o nome, mas publicamos o seu desejo de viver com simplicidade. Perdoe-nos!

Agora vem quem se «confessa pecadora e quer agradecer tudo o que tem recebido» e traz 5.000\$00 para os nossos pequeninos. 20.000\$00 e «não diga o nome!» Foram depositados em nossas mãos. Como agradecer gestos que nos deixam confundidos?! «Um bocadinho do meu pão para o pão dos gaiatos — 30.000\$00».

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pag.

em pleno dia e nos lugares mais movimentados, para surpreendermos assaltos ou golpes. Quase ninguém desconhece com pormenores os problemas surgidos a familiares ou amigos. Ainda um dia destes, em pleno Rossio, demos com uma situação destas, felizmente com a prisão do autor; e, não há muito, nós próprios, fomos mira, na mesma Praça, para um eventual «esticão» da pasta que levávamos, aliás com poucos valores, mas com documentos que, a desaparecerem, nos fariam bastante falta. No Metro, nos autocarros, nos eléctricos e nas ruas, usando os processos mais diversos, desde o esticão até à violência, não passa dia nenhum em que não surjam espectáculos semelhantes aos apontados. O pior, na maioria das vezes, é que não aparece qualquer agente da autoridade para nos defender.

Os jornais dos últimos dias deram conta do aparecimento, em montureiras ou caixotes do lixo, de fetos humanos. Nem admira que tal aconteça, pois, como todos sabemos, são as próprias leis, imorais e desumanas, sem respeito pela vida, que o favorecem. Algumas notícias sobre o julgamento de autores de lenocínios, confirmando aquilo a que nos temos referido nestas colunas, são uma gota de água ante o que acontece com o tráfico de escravas para a prostituição ou outras formas de promoção da devassidão.

O desregramento moral, a permissividade, a ganância, a vida fácil ao sabor das paixões e dos vícios, embotam a consciência de muitos e os levam a cometer os mais graves crimes. Sem peias éticas o homem transforma-se num animal selvagem, autêntico **homo hominid lupus**, para utilizar a consagrada expressão de Plauto.

Infelizmente, muitos pais demitem-se das suas funções educativas, quando não são eles próprios fautores de maus exemplos e, portanto, sem autoridade de qualquer espécie. Outros são manifestamente incapazes de educar, receando ser apelidados de atrasados ou de velhos. Os filhos fazem o que querem, sem regras, princípios ou horários, ao sabor das modas ou solicitações dos tempos. A noção de equilíbrio perde-se de tal modo que, não raro, são os progenitores a financiar com a concomitante ruptura da economia familiar, os mais variados dislates e, quando os problemas ou desastres acontecem, não podem mais fazer do que sofrer e chorar.

Educar é difícil, sem dúvida. Exige firmeza, perseverança e sentido das responsabilidades, temperados por uma paciência sem limites, em espírito de sacrifício inesgotável e uma capacidade profunda de compreender e de perdoar. Mas educar não é apenas desenvolver a mente, como aqui já se escreveu. Importa formar o homem total, incluindo, por conseguinte, o coração e o carácter, transmitindo ou comunicando todos os valores que dão

à vida uma razão de ser. Trabalho insano, de todos os dias e de todas as horas, que não se pode realizar apenas por palavras, mas, mais do que tudo, por actos visíveis e concretos.

O mais grave ainda é constatar que há muitos educadores ditos cristãos esquecidos da componente basilar da formação e da educação dos seus educandos que é o aspecto religioso. Famílias e, pessoas com razoável instrução religiosa descuram de maneira inconcebível, diríamos incoerente, este aspecto. Será bom que rezem, como Santa Mónica o fez por seu filho Santo Agostinho, mas antes de mais importa que assumam, à partida, as suas responsabilidades; que a oração, claro, não deixa de ter o seu primordial interesse e lugar.

Claro que, sem empregos, sem tempos ocupados, sem lugares nas escolas, sem futuros promissores à vista, tudo se conjuga para maior desnoiteamento e despiste. De qualquer modo, na ausência dos valores morais essenciais, a derrocada será certa. Encontrar a própria consciência é um imperativo basilar, como diria Pai Américo, na edificação do homem. E isso só se conseguirá tendo em vista um empenhado e sólido fortalecimento moral.

● PRAIAS — Quando estas linhas vierem a lume terá-se iniciado já o terceiro turno. Infelizmente, é bom dizê-lo, que o segundo decorreu melhor do que o primeiro, com chefes mais capazes e interessados. Esperamos que este corra melhor e que os Rapazes responsáveis sejam generosos e comprometidos.

Padre Luiz

Padre Manuel António



DOCTRINA

O que as leis e as armas não podem fazer, fá-lo a Graça.

• Todos os fins-de-semana passo por Coimbra a caminho de terras distantes, onde vou pregar a Colónia de Férias do Garoto da Baixa (Coimbra) e pedir para ela; e não há beco nem rua de onde não saiam olhos marejados de alegria a perguntar pelos filhos! Em uma oficina da Baixa, um homem de trinta e tal todo besuntado de óleo e negro como um tição pede-me, com ar de amigo, que dê eu dois beijos no Joãozito — «o meu filho!» Quantas vezes ouviram os meus quvidos, ao passar naquelas portas, coisas que se não dizem a ninguém...! E, agora..., «dê beijos no meu filho». A Caridade tudo vence.

• Amanhã, pelas dezasseis horas, como agora se diz, tomo lugar em um auto; e com cinco pais de colonos que vão jantar mais os filhos e assistir à festa de despedida. São dois serralheiros mecânicos, um tipógrafo, um pintor e um carpinteiro. Se tivesse meios levaria mais. São testemunhas vivas de um facto realizado que vão dizer na oficina e na fábrica, aos pais que não forem, como os seus filhos são tratados durante trinta dias.

• Vamos levantar ferro em breves dias, depois de muitas fadigas e de muitos trabalhos, o maior e mais penoso dos quais foi o de apurar responsabilidades, sempre que na cama de dois pequenitos apareciam os lençóis molhados...! Que linda chuva, essa que refresca os nossos passos, enquanto caminhamos pelo mundo fora em cata do pão dos Pobres! Quando não caem das estrelas, levantamos as notas de debaixo das pedras, como faz Pedro à moeda do tributo de dentro do peixe. É o Mestre que manda. Na pequenina capela do hotel Lusitano, no Luso, uma pequena dúzia de assistentes à Missa garante o pão de uma semana; e a mesma coisa se fez na da Curia, mais o gesto heróico não sei de quem, que lança nas ofertas uma pulseira de ouro e platina.

Q. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* - 1.º vol.)

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

3 — Uns dois anos depois saí do Seminário e durante anos deixámos de nos ver. Perdi-lhe o rumo enquanto andei por colégios a fazer prefeitura e a ensinar o meu latim e outras coisas, até acabar o Liceu, pois apesar de ter já estudos de nível universitário, oficialmente as minhas habilitações eram as da Instrução Primária. Depois, já matriculado na Faculdade de Direito como «voluntário», vim para Coimbra, para o Colégio de S. Pedro ao tempo dirigido pelo sr. Travassos — uma alma grande e generosa que se comprazia em mostrar uma dureza e agressividade que em nada correspondiam ao seu grande coração. Acabei por me instalar num quarto do C.A.D.C., ali bem perto do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios dirigido pelo Padre Américo. Reatámos então as nossas relações.

Todas as semanas, ao sábado, lá me encaminhava para o Lar e, passeando na ampla varanda que dava para os lados do Jardim Botânico, ia-lhe desfiando a minha *História Calamitosa*. Estas conversas, que constituíam matéria de direcção espiritual e de confissão, terminavam, invariavelmente, na absolvição, recebida de joelhos no Sacramento da Reconciliação.

Para me dar alento e marcar directrizes relatava-me casos concretos da sua vida em tudo semelhantes, menos no pecado,

FACETAS DUMA VIDA

• o meu último encontro com o Padre Américo

àqueles de que eu ia morrendo — e a minha confissão provocava a sua confissão. Oh Deus, como fiquei desde então a venerar aquele homem! O Padre Américo tinha, já então, atingido os mais altos cumes da santidade — e a sua Obra nada mais é do que um transbordar das riquezas da Graça. Mas o que eram os nossos encontros, de que constavam as nossas conversas, é-me vedado revelá-lo. Como que adivinhando o meu pensamento, certa vez proibiu-me terminantemente de falar disso, argumentando que, assim como ele não podia, não devia, revelar, em circunstância nenhuma, o sigilo da Confissão — pois que ele também se estava confessando, era igualmente dever meu manter o silêncio: o que se passava em Confissão ficava entre nós dois e Deus, e mais ninguém.

Se não fosse esta proibição, como eu poderia, melhor que ninguém, testemunhar a heróicidade das suas virtudes e como aquela alma tinha a experiência do divino!

4 — Após a minha licenciatura enveredei pela carreira da

magistratura. Entretanto percorri longos, invios e distantes caminhos; saboreei o travo da bolota; feri os pés em veredas de pedras afiadas, como navilhas e eriçadas de espinhos! Até que, passados anos, bastantes anos, nos voltámos a encontrar, agora neste Alentejo de canícula e sonolência, de suor e lascívia, de bédio, pismo e interioridade também.

Alguém se lembra de dar casa a todos os que casa não têm. Seria a forma actual de cumprir o preceito de vestir os nus. Aderi à ideia. O presidente da Câmara local ao tempo cedeu generosamente um grande «quintalão» à beira da estrada que vai de R. a U. Todos foram contagiados pelo entusiasmo de acabar de vez com a nudez de tantos. Os donativos foram aparecendo e a ideia concretizou-se em arruamentos, casas e seus logradouros e assim surgiu o Bairro do Património dos Pobres.

No dia da inauguração o Padre Américo, que também contribuiu, compareceu. (Recordo-me de ouvir então ao Dr. S., que me parece não morria de amores pelos eclesiásticos,

dizer, impressionado pela grandeza moral do Padre Américo:

— Ele há gente que se esquece de si para só pensar nos Outros. Foi para isto que nasceu este padre.

Ao ver-me entre os «grandes» que o recebiam, exclamou:

— Tu também por aqui, J.?! Tu não és daqui? Que fazes por cá?

— Sou o juiz da comarca, Padre Américo.

— Ah, não sabia que V. Ex.^a era o senhor Dr. Juiz da Comarca.

— Padre Américo, do tu passa ao V. Ex.^a. Fique no oito; não vá até ao oitenta!

— Não, não: a Autoridade vem de Deus; deve-se-Lhe todo o respeito.

Todos nos rimos, mesmo ele, deste diálogo imprevisito.

Tratou-me sempre por tu — o que deveras me agradava. Também nunca o tratei por «Senhor» mas apenas por «padre» sem senhoria. O Senhor domina — e padre quer dizer pai, isto é, aquele que tem filhos e os ama. Ele compreendia e aceitava esta minha maneira de reconhecer a sua paternidade espiritual e a minha espiritual filiação.

5 — Ainda falámos acerca de vários assuntos, entre eles dos meus filhos:

— Casaste? Tens filhos?

— Tenho três meninos — as três mais belas crianças do mundo.

— Que são três crianças encantadoras, é verdade — atalharam os presentes; mas dizer que são as mais belas do mundo, talvez seja demais, o que Padre Américo atalhou imediatamente:

— Ele que o diz é porque o são.

— Venha vê-los.

— Pois irei, sim.

O horário complicou-se e não teve tempo de ir ver os meus pequeninos.

Foi o nosso último encontro.

Pouco tempo depois o Padre Américo morria (melhor, entrava na glória) devido a um acidente de viação.

Foi, com o Padre Mateo e o Padre Cruz, com quem também os meus caminhos se cruzaram, um dos homens que me deixaram na alma uma marca indelével.

Julho de 1986, pelo aniversário da sua entrada em glória.

Júlio Mendes

J. D. P.

O livro CANTINHO DOS RAPAZES

Poderíamos não dizer mais sobre o CANTINHO DOS RAPAZES — mas somos arrastados pelas cartas que chegam, aos montes, a nossas mãos; e pelas requisições aviadas todos os dias para muita gente. Somos arrastados pelos Leitores!

Vamos aos jovens, os homens d'amanhã, que o livro é para eles — CANTINHO DOS RAPAZES. Ouçam o assinante 27390, de Penafita:

«Sou um jovem estudante e, embora não sendo assinante d'O GAIATO, tenho oportunidade de o ler frequentemente.

Escrevo para assinar o vosso jornal e para pedir que me enviem o CANTINHO DOS RAPAZES (já agora peço que me informem quais os outros títulos que publicam ou publicaram).

Votos de que o livro continue a ser um best-seller...»

Ainda no meio da multidão sobressai um brado da assinante 14628, de Castelo Branco:

«(...) Envie-me mais quatro exemplares do CANTINHO DOS RAPAZES para oferecer à jovens, porque a sua Doutrina (assim mesmo, em «caixa alta») é maravilhosa...!»

Outro, também muito sonoro, da assinante 30217, da Capital:

«Recebi o CANTINHO DOS RAPAZES. Chegou num momento oportuno. Pai Américo auxilia os que precisam...

Do que li, pois é bem saboreado, traz conselhos que tocam a nossa alma.

Grande Santo, bom irmão, Pai amigo tanto nos deu, dou e deixou...! Que todos, não só os seus rapazes, saibamos recolher no nosso coração e mente, os seus dizeres e conselhos tão simples, mas tão certos, actualizados e profundos...»

O livro anda de mão em mão. É uma obra viva para os vivos, para gente com sangue na gueltra:

«Agradeço o CANTINHO DOS RAPAZES. Foi lido num fôlego» — acentua a assinante 21266, das Caldas da Rainha. E acrescenta: «Andava já a relê-lo aos poucos, para melhor saborear. Mas chega uma pessoa amiga, a minha casa, e emprestei-o... Gosto que todos conheçam o que foi e continua a ser a Pedagogia do Pai Américo».

Outro grito d'alma que nos obriga a não parar! É do assinante 27244 de Odívetas:

«Que pena o CANTINHO DOS RAPAZES não ter vindo

uma década antes! Contudo, espero que os meus filhos saibam tirar-lhe o suco saudável que contém, servindo de manual na educação dos meus netos.»

E mais, muito mais fica por transcrever!

No entanto, continuemos debruçados na preparação doutra novidade: o livro NOTAS DA QUINZENA. Um prato cheio! Notas que levam a marca da grande alma de Pai Américo. Pedacos dela voltados para os Outros, para todo o mundo. Nem o tempo, nem a traça, nada consegue ofuscar o brilho, a oportunidade da sua mensagem! Porquê? Muito simples: tudo quanto Pai Américo vivia, dizia ou escrevia era assente na Boa Nova de Jesus de Nazaré.



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administr.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel